



Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Anais

III Seminário Internacional Sociedade Inclusiva *Ações Inclusivas de Sucesso*

Belo Horizonte
24 a 28 de maio de 2004

Realização:



Mesa Redonda “Inclusão de Pessoas com Deficiência pelo Esporte”

O ESPORTE PARA TODOS COMO FORMA DE INCLUSÃO E INSERÇÃO

Felipe José Aidar Martins

Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Minas Gerais

Luciana Silva Lopes de Oliveira Frois

Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Minas Gerais

Endereço: Av. Antônio Carlos 4013, Bairro São Francisco – Belo Horizonte/MG

Telefones: (31) 3490-55109 e 3490-5519

E-mail: subcmt.3bbm.cbmmg@mg.gov.br

Palavras-chave:

Inclusão, afetividade, cidadania, atividades físicas e portadores de necessidades especiais.

Resumo

O Corpo de Bombeiros tem como função institucional basicamente o salvamento de vidas. Esta visão acaba por ser ampliada nos dias atuais, onde a preocupação dos Bombeiros não é somente mais socorrer pessoas em perigo, ou em risco de vida.

A visão se encaixa dentro de um contexto mais social e prevencionista, onde a Corporação tem desenvolvido atividades que tem por objetivo a inclusão e inserção social daqueles que se encontram excluídas dos padrões considerados normais. Neste diapasão, o Corpo de Bombeiros tem desenvolvido algumas atividades tais como os programas abaixo descritos:

Programa Bombeiro nas Escolas (Diversão e Prevenção com os Bombeiros)

Visa dar aos alunos da rede pública principalmente, uma nova visão social e de sua importância nesse contexto. O trabalho é desenvolvido através de palestras nas escolas em um primeiro momento, com cunho preventivo e com visitas ao quartel no segundo momento, para a prática do atendido onde os alunos podem ter contato com uma nova perspectiva e não somente a que normalmente conhecem, ou seja, a perspectiva básica de serem jogadores de futebol, ou o caminho da criminalidade, principalmente ligada ao tráfico de drogas. O programa dessa forma tem a função de inclusão social e a formação do sentido de cidadania nas crianças, passando assim, a acreditarem em uma nova possibilidade para suas vidas: inclusive a de ser um profissional do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais.

Programa Bombeiro Mirim

Tem por objetivo preencher o tempo de crianças carentes com atividades esportivas, de bombeiros e atividades de civismo, feitas em meio período e o outro período é destinado aos estudos curriculares.

Programa Novos Horizontes

Atende através de atividades físicas, a crianças e adultos, com idade variando de 07 meses a 80 anos de idade, que sejam portadoras de necessidades especiais, contando atualmente com mais de 200 pessoas atendidas em atividades aquáticas e cerca de 20 pessoas em Basquete para cadeirantes.

Este programa visa o desenvolvimento físico, motor do indivíduo, procurando a maturação do sistema nervoso deste como fator motivador de uma inserção mais completa em nível social. (NEWELL, 1986)

A grande maioria das pessoas atendidas tem como limitação a Paralisia Cerebral, sendo que também são atendidas pessoas com Acidente Vascular Cerebral, Traumatismo Crânio Encefálico, Esclerose Múltipla, Paraplegia, Tetraplegia, Espinha Bífida, portadores de problemas visuais, auditivos, pessoas com distúrbios comportamentais, Síndrome de Down, dentre outros, tendo como público alvo os portadores de necessidades especiais e principalmente socialmente menos favorecidos.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho vamos abordar o Programa Novos Horizontes, que visa a inclusão através do esporte, tendo como parceiros os portadores de necessidades especiais e em princípio para os socialmente menos favorecidos. O objetivo do ensino inclusivo aos portadores de necessidades especiais é servir adequadamente a todos os alunos. A inclusão é um novo paradigma de pensamento e de ação, no sentido de incluir todos os indivíduos em uma sociedade na qual a diversidade está se tornando mais normal que exceção.

O desafio é estender e ao mesmo tempo, ter em mente que o principal propósito é facilitar a aprendizagem e o ajustamento de todos os alunos, cidadãos do futuro. Inclusão social é aceitar o portador de necessidades especiais na sociedade sem restrições e preconceitos. Interagir diretamente com o portador de necessidade especial, ajudando-o com a atenção necessária.

Em pessoas normais admite-se que o esporte, atividade física, gera conforto, liberdade, maior autonomia no se locomover, sem contar outras melhoras de fatores físicos, psicológicos e emocionais ao praticante.

Neste sentido, o esporte se torna uma forma de inclusão e inserção não somente social, mas uma forma de motivação da valorização do eu como uma das coisas mais procuradas e importantes no processo. A possibilidade de uma maior autonomia, e até independência através da prática de atividades físicas, permite ao indivíduo se tornar incluído à sociedade e possibilitando que as diferenças sejam minimizadas. Dessa forma, o portador de necessidade especial deixa de ser tratado como inferior, subalterno e sem

valor. Este sofrimento imposto socialmente pode impedir a vivência de emoções, de desejos e necessidades. A inclusão social permite uma afetividade que constitui, assim como a motivação, a base afetivo-volitiva que configurará o pensar, o agir e o sentir deste indivíduo.

No relato do programa desenvolvido pelos Bombeiros, verificou-se que a primeira parte afetada nas pessoas portadoras de necessidades especiais tem sido justamente a parte psicológica, pois se sentiram rejeitados e incapazes.

A partir do momento em que houve a perspectiva de uma melhora da auto-estima e da possibilidade de adquirir novas qualidades ou melhoras físicas, isto tornando o indivíduo menos isolado da sociedade e inserido no contexto do convívio social. Isto acabou por gerar uma mudança de postura diante do que eles conheciam ou até mesmo o acesso e consciência aos direitos de cidadão. As atividades físicas inicialmente desenvolvidas foram às atividades aquáticas e a prática de Basquete para cadeirantes, tendo em vista o ambiente já existente no quartel do 3º Batalhão de Bombeiros Militar, contudo a intenção é dentro em breve estar também atendendo os portadores de necessidades especiais e seguimentos socialmente menos favorecidos em outras modalidades esportivas tais como musculação, tênis para cadeirantes e Judô, dentre outros.

O esporte e a atividade física por si só tem o intuito não somente de promover uma qualidade de vida melhor, mas, de preparar o indivíduo para a vida, para as “competições” do dia a dia e principalmente a reconhecer seus limites, a tentar vencê-los e, a saber, como assimilar as vitórias e as supostas derrotas que a vida acaba por impor a todas as pessoas.

Os modelos apresentados nos meios de comunicação tendem a um indivíduo com formas físicas mais perfeitas e com qualidades intelectuais mais elevadas. Isto pode ser explicado pela formação de modelos, padrões de comportamento, de tipos físicos e até da utilização, a qualquer preço, inclusive através de intervenções cirúrgicas e o uso de substâncias ilegais, em justificativa a uma melhor estética. Estética esta, que tende a valorização daquilo que chamamos de vaidade, em nome da aceitação individual pela sociedade. Logicamente, as diferenças individuais têm sido desrespeitadas, não somente do ponto de vista físico, mas também do ponto de vista social. Este desrespeito atua como um catalisador desencadeante da acentuação das diferenças, tornando-as fatores

de uma exclusão cada vez maior e explícita. Assim, devemos ter consciência que devemos tratar o portador de necessidade especial como indivíduo, sem preconceito; que deve ser aceito como pessoa, como cidadão, com direitos e deveres como outra pessoa participe da sociedade em que vivemos. O preconceito é, então, a inabilidade que, seguida de carga afetiva negativa, ainda potencializa as diferenças de forma pejorativa, pois gera ações e tratamentos diferenciados, segregacionistas, excludentes, impelindo o diferente ao abandono, ao encarceramento e até ao extermínio. Isto passa a ser um alerta sobre a urgência de uma conscientização social, desde a mais tenra idade, para se combater o preconceito e a ignorância que leva o indivíduo ao isolamento, por serem vistos como diferentes e incapazes de fazerem atitudes padronizadas, esquecendo a identidade singular de cada um.

O homem destituído de preconceitos e cômico da multiplicidade da condição humana reconhece e corrobora, para o futuro. As contribuições destes indivíduos, e de sua própria, tendem a busca de outras formas para a adaptação dos excluídos à sociedade, bem como a adaptação da sociedade a elas. Deve-se, assim, criar para estas pessoas maiores possibilidades de inserção na sociedade, pois, a inclusão não só infunde e propicia, mas também fundamenta, elabora e assegura relações mais sadias, tolerantes e duráveis diante das diferenças.

Nunca se ouviu falar tanto em doenças depressivas, angústia, isolamento como nos últimos tempos. Isto tem ocorrido com pessoas consideradas normais, e com a tendência de ser mais acentuada em pessoas com necessidades especiais. Por outro lado às leis tendem a ser mais inclusivas, procurando respeitar as diferenças e promover um convívio mais ameno entre as pessoas tendendo a uma sociedade mais harmônica. Se for levado em conta que não existe um indivíduo igual ao outro e todos apresentam limitações, sejam em que nível for, ou seja, estéticas, físicas, intelectuais, sociais, dentre outros, a sociedade teria que ser obrigatoriamente inclusiva.

PROPÓSITO

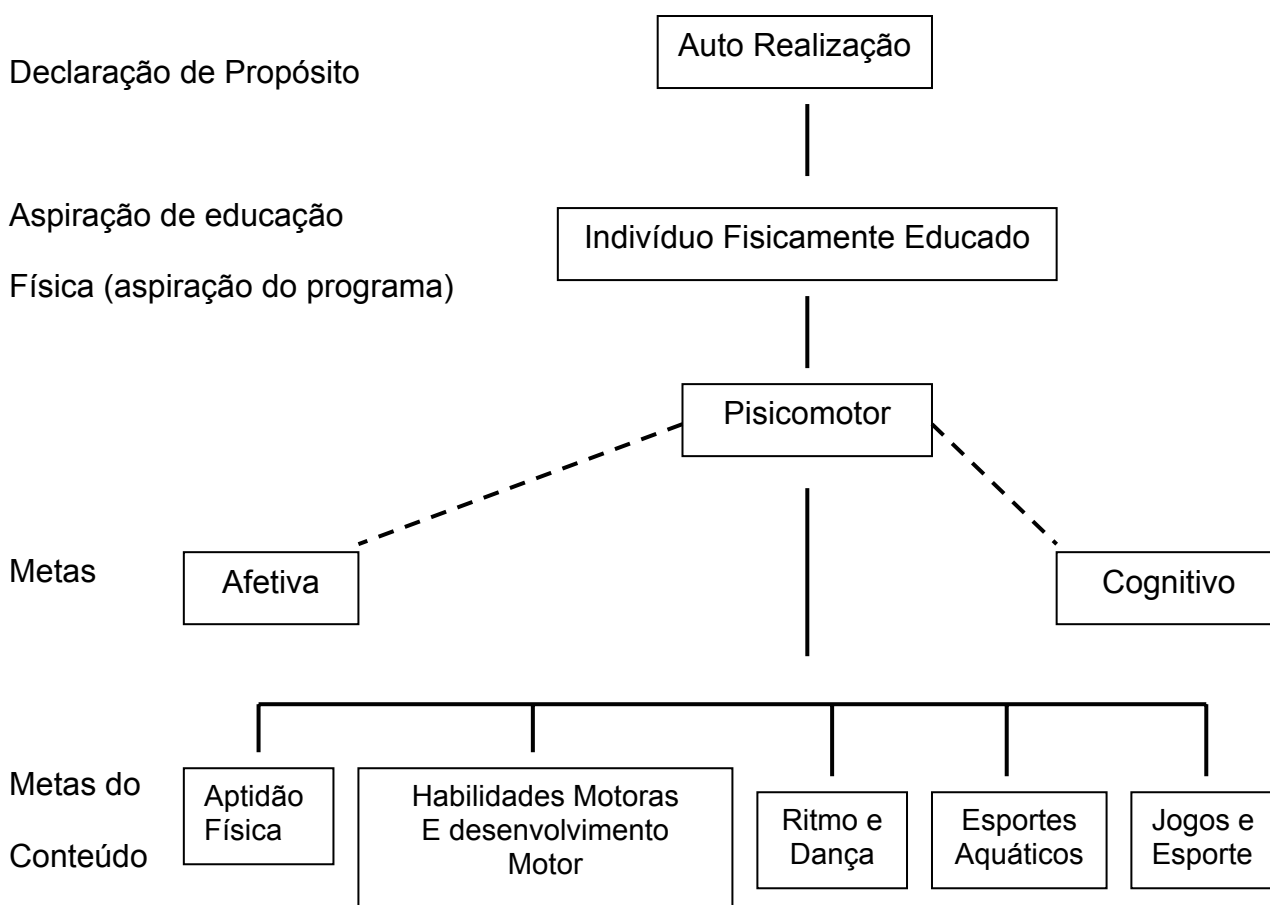
O propósito de um programa de educação física adaptada, segundo Winnick (2004), visa estabelecer uma direção, um rumo, devendo ser coerente com objetivos definidos, sendo

adequados ao desenvolvimento como um todo, tendo como finalidade melhorar a auto-estima e a auto-realização.

A auto-realização, por sua vez, tende a melhorar o desenvolvimento pessoal, trazendo benefícios às sociedades, a partir do momento em que há uma diminuição das desigualdades ou até mesmo uma melhor convivência e respeito às diferenças individuais.

Segundo Sherril (1998), o humanismo é uma filosofia que ajuda as pessoas a se tornarem plenamente humanas, permitindo assim a realização de seu potencial para fazer do mundo o melhor lugar possível para todas as formas de vida, ou seja, conviver com as diferenças e principalmente, respeitá-las.

O programa executado pelos Bombeiros segue basicamente o organograma abaixo (WINNICK, 2004).



Nesta perspectiva, Figueiredo (?), ressalta que a própria realidade material é diversa. Cada pessoa é fisicamente e até, diríamos mentalmente, socialmente e eticamente diferente uma da outra.

Todas as pessoas normalmente apresentam diferentes alturas, cor da pele, cor e forma dos olhos, religiosidade, conhecimentos culturais, dentre outros. Então o autor conclui que temos todos, características diferentes e próprias de cada um.

De acordo com Wallon (1981), a atividade do homem é inconcebível sem o meio social. Neste sentido a inter-relação homem x sociedade se torna cada vez mais traumático.

Ao tentarmos estabelecer um parâmetro, e definir procedimentos, sem, contudo respeitar as diferenças em todos os níveis pessoais e sociais, provocamos uma forma exclusiva de viver. A história nos tem mostrado que em nossa sociedade, o diferente, por não ser conhecido, é, muitas vezes intolerado, inaceitável e não passível de convivência, gerando a estranheza de relação que infringe espaços e incrusta preconceitos equivocados.

A inclusão é um ato democrático, e de cidadania, porque atinge a todos e mais, deflagra uma urgência na modificação de nós mesmos, para aceitação das diferenças inerentes a cada um, propelindo-nos a compreensão plena de sua afetividade e desejos, admitindo sua capacidade intelectual e incitando-nos a trazer-los ao convívio social comum.

Os portadores de necessidades especiais, principalmente na ótica dos Bombeiros, não são portadores de uma deficiência física, mas sim pessoas que possuem algo diferente daquilo que socialmente consideramos como padrão. Neste diapasão, todos possuímos necessidades especiais, pois possuímos algo, algum comportamento, ou diferenças físicas que nos faz únicos e diferentes uns dos outros e isto foi o norte do programa.

Atualmente, não se pode falar mais em desenvolvimento de sociedade sem falar do desenvolvimento de seus cidadãos. Enfim, o “diferente” é cada pessoa, é cada um de nós. É quem ama e quer ser amado, é quem sente prazer, ou não, quem erra e quem constrói, quem chora, quem sente raiva e felicidade; quem quer fazer parte, pois é parte da sociedade. Todos somos parte de um todo, e este todo, precisa aceitar a cada um como parte indispensável deste todo. Sendo assim, inclusão pode ser um prolífero caminho, uma forma de uma convivência mais amena e respeitadora das diferenças.

OBJETIVO

O objetivo do programa é utilizar a atividade física de acordo com a proposta de Melhen (2003), e não como simplesmente como uma atividade que visa a competição e a educação física de forma elitista. A educação física para todos, tem como característica a busca da alegria, diversão, prazer, socialização, recreação e saúde.

Já para Souza (1994), a educação física e o esporte, no contexto do processo da educação do indivíduo, teriam dentre outros objetivos, os de recrear e resgatar a infância e o prazer pelo movimento. Isto proporciona uma facilidade de inserção no meio social, devido à redução de preconceitos e da melhora na condição de aprendizagem.

Juan Palan (1988) enfatiza que a meta maior dos esportes é o bem estar social para todos os deficientes do mundo. Isto com a finalidade de conquistarem os mesmos direitos e as mesmas oportunidades que os demais seres humanos.

Neste sentido o Corpo de Bombeiros utilizou o esporte como uma atividade da saúde e não como uma forma de competição.

O objetivo então, como mencionado, é propor uma forma de inclusão e inserção para portadores de alguma necessidade especial e socialmente menos favorecido, através da prática de atividades físicas.

O foco principal é a parte afetiva e o ato prazeroso pela prática esportiva, proporcionando uma maior possibilidade da melhora da auto-estima, desenvolvimento físico, diminuição dos preconceitos e da falta de sensibilidade da sociedade pelos problemas que a cercam, seja em quais níveis forem, ou seja, sociais, físicos, dentre outros.

ENTENDENDO O PORTADOR DE NECESSIDADE ESPECIAL

De acordo com Adams (1985), os portadores de necessidades especiais tendem a se isolar. É óbvio que o indivíduo trabalha ou mesmo existe satisfatoriamente dentro de seu ambiente, quase em relação direta com a sua habilidade e aceitação de outras pessoas, da capacidade dos outros em aceitá-lo e de sua tolerância em aceitar a si próprio.

A necessidade é a mesma para o portador de necessidades especiais, porém o método é alterado.

A sociedade mantém seus paradigmas, e o problema passa a ser maior do ponto de vista social e psicológico do que do ponto de vista físico.

Segundo o mesmo autor, os níveis de maturação que levam a uma carreira bem sucedida são basicamente a aceitação, sucesso, progressão e competência. Com a pessoa deficiente não é diferente. Assim as atividades físicas passam a ser um fator importante para que estes aspectos sejam atingidos, preconizando a melhora das habilidades, da auto-estima, fazendo-os a obter o suposto “sucesso”, principalmente, se este é reconhecido, mesmo que estes sejam mínimos.

Para a “National Therapeutic Recreation Society” a atividade física deve ser um processo que utiliza os serviços da recreação com a intervenção proposital no comportamento social, emocional e físico. Assim visa-se obter a mudança desejada do comportamento e promover o desenvolvimento e o crescimento do indivíduo.

Em outras palavras, o portador de necessidades especiais é uma pessoa como nós e tem os mesmos desejos, pretensões, sonhos e motivações.

O fator humano tem de ser respeitado como tal, havendo necessidades de adaptações, como há necessidades para uma pessoa mais obesa passar na roleta de um coletivo, ou para uma pessoa sinistra participar de uma aula onde todas as carteiras foram projetadas para pessoas destros, por exemplo.

MEOTODOLOGIA

A metodologia utilizada foi baseada nos princípios de respeito às individualidades biológicas e na cooperação (BARRETO 2000). Esta visão tem como objetivo a inclusão, a coletividade, igualdade de direitos e deveres, o desenvolvimento humano e processualidade.

O programa procura que todos tenham acesso a atividades físicas, ou seja, independente da condição social, ou física, todos são atendidos, sendo fator limitante somente as características estruturais. No que se refere à coletividade, o respeito à individualidade biológica é fator de suma importância, com ênfase na convivência em grupo.

Já na parte da igualdade de direitos e deveres; é feita uma anamnese inicial com o aluno, e posteriormente é dada uma orientação aos alunos, pais ou responsáveis sobre o desenvolvimento esperado. Neste sentido há uma participação, na mesma proporção, em termos de responsabilidade dos envolvidos. Estes envolvidos no processo são, o aluno, se for possível, pais ou responsáveis e os instrutores. Os alunos e pais são envolvidos na decisão da atividade e pelo acompanhamento do desenvolvimento, formando assim um “feedback”, importante e essencial ao programa. Assim, procura-se fazer da ação-pedagógica uma prática mais eficaz tornando o processo ensino aprendizagem mais significativo. Isto implica em um trabalho mais diversificado, promovendo interações qualitativas, trocas afetivas e vinculação com a família do aluno.

O desenvolvimento humano visa o aprimoramento do ser como sujeito social. Na processualidade, cada passo é dado, levando-se em conta os progressos anteriormente alcançados, mesmo que estes progressos sejam mínimos.

Os exercícios utilizados visam basicamente o bem estar momentâneo, tendo como objetivo principal ser um ato prazeroso para o aluno. O trabalho é desenvolvido algumas vezes por semana, tendo como objetivo que o aluno se interesse pelo programa e deseje cada vez mais a prática das atividades físicas.

O trabalho é feito de forma a obter experiências da realização pessoal, com métodos livres e com possibilidade de atividades individualizadas, sendo permitido a variabilidade de organização.

No caso do programa desenvolvido pelos Bombeiros as atividades, são no momento, natação e basquete para cadeirantes, com anteriormente mencionado.

Os instrutores tiveram treinamento técnico com o Prof. Pedro Américo de Souza Sobrinho, que com sua experiência de mais de 25 anos neste tipo de atividade, se propôs a dar o treinamento sem nenhum ônus para o Corpo de Bombeiros.

Em complemento a parte técnica, houve uma preparação psicológica dentro do que menciona Carvalho (1997), no que se refere ao comportamento natural dos instrutores e das pessoas envolvidas, frente aos problemas dos portadores de necessidades especiais. O treinamento evitou uma possível curiosidade mórbida, evitando rotulações de cunhos sociais, e a generalização das limitações de cada pessoa.

A preparação teve por objetivo incentivar o potencial de cada aluno, o reconhecimento de suas progressões e a crença no seu sucesso de forma ampla e abrangente, com ênfase, que o sucesso do aluno é também o sucesso do professor. Os alunos durante todo o programa sempre foram, são e serão considerados com componentes da sociedade, e não como deficientes, ou excluídos, onde a ênfase não é dada a capacidade, mas as necessidades temporariamente apresentadas. Neste sentido procuramos não fazer as coisas por nossos alunos, eles é que tem que se superar e fazer o que antes não faziam, mesmo pequenas atitudes, até o ato de sorrir é uma coisa esperada, para aqueles que anteriormente não o faziam.

RESULTADOS

Como conseqüência houve um desdobramento da espontaneidade, da criatividade, das interações sociais, da comunicação e da solidariedade e cumplicidade entre aluno-instrutor, aluno-aluno, aluno-pai ou responsável e instrutor-pai ou responsável.

A justificação da educação física voltada para todos, trouxe uma obtenção da afirmação como pessoa por parte dos alunos, melhoria de sua auto-estima, o desenvolvimento da cidadania, sendo estes fatos norteadores de todo o processo.

Outro ponto observado está relatado por Bertoldo e Ruschel (2000), onde as qualidades mais importantes da atividade (no caso a física como uma forma de brincadeira), foram o desenvolvimento da confiança que os alunos, começaram a apresentar. As mudanças foram maximizadas, quanto a sua própria capacidade de encontrar soluções e de fazer as coisas que anteriormente não conseguiam fazer, começaram a aparecer.

A água, neste ponto, foi um fator facilitador principalmente no que diz respeito a maior facilidade de locomoção e de maior autonomia. Estes procedimentos proporcionaram que os alunos pudessem chegar as suas próprias conclusões de uma forma autônoma, ou menos dependente. A atividade física incentivou um relacionamento por parte dos alunos com as coisas e com outras pessoas e nesta interação é que o conhecimento de forma generalizado pôde ser mais efetivo.

Ainda de acordo com, Wallon (?), houve a demonstração que pôde ser confirmado, que as influências afetivas que rodeiam os alunos tem uma ação determinante no desenvolvimento.

Assim houve a estimulação de uma simbiose afetiva do aluno com seu meio ambiente, ajudando na formação de sua personalidade e possibilitando a afirmação deste como pessoa.

As adaptações necessárias foram feitas de acordo com a necessidade de cada aluno com a finalidade de se poder atingir o seu potencial máximo (MAZZOTA, 1982). As adaptações foram feitas com base nas limitações neurológicas, físicas e até sociais. Os resultados apresentados demonstram que todos os alunos, sem exceção, tiveram progressos significantes não somente na parte física, mas principalmente na parte psicológica, podendo isto ser comprovado pela saturação no número de alunos e o reconhecimento do pessoal da área de saúde em virtude dos resultados apresentados, e na evolução física dos alunos.

Os trabalho foram iniciados ao ser percebido que alunos com necessidades especiais, quando eram simplesmente incluídos em turmas de alunos considerados normais apresentavam um desenvolvimento mais demorado o que acabava por desestimula-los, inibindo com isso seu progresso e bloqueando o desenvolvimento tanto físico quanto social, uma vez que estes alunos precisam de um estímulo inicial adaptado (NEWELL, 1986), ou seja, o método inicial é que deveria ser alterado (WINNICK, 2004).

Neste sentido criamos turmas específicas para os portadores de necessidades especiais onde foi adotada a metodologia proposta, até que eles se conscientizassem de suas potencialidades e as desenvolvessem ao máximo. Hoje temos muitos alunos, principalmente, os portadores de Paralisia Cerebral e da Síndrome de Down, que fazem aula com os alunos considerados normais e apresentam um desenvolvimento inclusive superior a estes alunos, rotulados como normais.

Além deste fato, foi observado que o maior ganho foi na parte psicológica, tendo em vista que os alunos com necessidades especiais ao verem seus avanços, se conscientizaram de sua capacidade e, por conseguinte consolidaram a idéia do eu, criando uma inserção verdadeira, ou seja, física e social.

CONCLUSÃO

O programa reenfatizou a filosofia do Corpo de Bombeiros, que em todo o mundo tem como lema “Vidas alheias e bens a salvar”.

Demonstrou que não bastava para os Bombeiros atenderem a acidentes, ajudarem a pessoas que apresentavam algum risco de vida, mas que a atividade de Bombeiro tinha de proporcionar uma nova vida àqueles que não podiam sentir na vida o mesmo prazer de outras pessoas. Os anteriormente considerados, excluídos social e fisicamente, foram, são e sempre serão os nossos amigos e parceiros.

Talvez o fato de o Bombeiro conviver de forma eqüitativa com todas as pessoas, independente do nível social, cor, raça, sexo, religiosidade, permitiu que as diferenças fossem respeitadas e vividas de forma natural. Segundo Abranches (2000), a diferença é a marca constrativa de cada sujeito, é o que nos define a todos como seres únicos, neste ponto, o trabalho de Bombeiros foi um fator facilitador.

De acordo com Alves (1994), através das coisas que estamos fazendo, esperamos que os alunos sejam felizes, dêem risadas, descubram que a vida é boa.

É comum verificar dentro dos quartéis de bombeiros as pessoas sempre sorrindo e felizes.

Este fato é justificado uma vez que estamos sempre nos deparando com catástrofes de todas as naturezas e o fato de estarmos vivos já é uma grande vitória.

O fator motivador dos Bombeiros, sempre foi poder ver o sorriso naqueles que sofrem. Neste sentido a afetividade e o amor pelo que se faz, a dedicação e a crença no trabalho realizado talvez seja o maior responsável pelos resultados apresentados.

Segundo Lapierre (1986), o desenvolvimento físico somente pode ser conseguido por meio de uma vivência na qual a dimensão afetiva real, aprofundada e espontânea neste, faça parte do trabalho.

Logicamente existem referenciais, e estes acabam por nos motivar e nos firmar no que se refere ao amor ao próximo apesar de todas as dificuldades apresentadas.

Algumas passagens Bíblicas têm norteado o trabalho que tem como ponto de partida o amor ao próximo. O compromisso com o outro e o desenvolvimento de cada aluno tem

representar a nossa própria evolução. Em Provérbios 16. 32b, diz que é mais fácil governar uma cidade que governar a si mesmo. Isto nos leva a refletir sobre nós mesmos como pessoas e a procurar o crescimento pessoal.

Olhar para dentro de nós mesmo, e ver as deficiências que cada um de nós temos talvez tenha sido e é a parte mais difícil de todo o processo. Foi isso o que provavelmente acabou por proporcionar os resultados e os progressos apresentados, pois só existe um tempo em que temos e podemos fazer algo, é hoje.

O preocupar com os nossos defeitos, talvez seja o mais importante para respeitar ao próximo como pessoa, e, por conseguinte, as suas limitações, quais sejam elas.

AGRADECIMENTO

A Deus pela oportunidade a nós oferecidos. Não poderíamos de agradecer a cada aluno e amigo que muito tem nos ensinado sobre a vida, sobre a persistência. Ao Professor e apoiador Pedro Américo de Souza Sobrinho, nosso mentor. A Cruz Vermelha de Minas Gerais, pelo apoio que tem sido dado em todos os intentos do Corpo de Bombeiros e a sociedade. A Secretaria de Desenvolvimento Social e esportes e ao Conselho regional de Educação Física por ter acreditado no programa e ajudar a torna-lo possível. A cada professor que tem acreditado e dado o máximo de si em prol de uma sociedade melhor. A todos o nosso muito obrigado.

REFERÊNCIAS

- 1 ABRANCHES (2000) apud SOCIEDADE INTERNACIONAL PARA ESTUDOS DA CRIANÇA. *Os processos desenvolvimentais da infância*. Belém: GTR Gráfica e Editora, 2003.
- 2 ADAMS, Ronald C.; et al. *Jogos, esportes e exercícios para o deficiente físico*. 3º ed. Barueri: Editora Manole Ltda, 1985.
- 3 ALVES, Rubem. *A festa de Maria*. 3º ed. Campinas: Papyrus Editora, 1996.
- 4 ASSOCIATION OF SWIMMING THERAPY. *Natação para deficientes*. 2º ed. Barueri: Manole, 2000.
- 5 BARRETO (2000) apud SOLER, Reinaldo. Jogos cooperativos. *Sprint magazine*. Nr 125. Ano XX. Março/abril. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 2003.
- 6 BERTOLDO, Janice e RUSCHEL, Andréa de Moura. Jean Piaget. *Revista do Professor*. Ano XVI, Nr 61. 10-13, 2000.
- 7 BOATO, Elvio Marcos. *A caminho de um ensino mais que especial*. 3º ed. Brasília: Hildebrando Editor e Autores Associados, 2002.
- 8 BRASIL, Constituição 1988. *Constituição da república federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de edições Técnicas, 1999.
- 9 BROOKS-SCOTT, Sandra. *Manual de mobilização para os cuidados de crianças com distúrbios neurológicos*. Barueri: Manole, 2001.
- 10 BUENO, J.G.S . *A inclusão de alunos deficientes nas classes comuns do ensino regular*. Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 1996.
- 11 CANCELLIÉRE, Cláudio. *Diabetes e atividade física*. Jundiaí: Fontoura Editora, 1999.
- 12 CARVALHO, N. S. (Org). *Deficiência mental*. Séries Atualidades. Nr 3. Brasília: SEESP/MEC, 1997.
- 13 CORREIA, Lucimei Corrêa et al. Educação infantil – estudo de uma proposta lúdico-pedagógica. *Sprint magazine*. Nr 128. Ano XX. Setembro/outubro. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 2003.

- 14 CONSENZA, Carlos Eduardo e CARVALHO, Nelson. *Personal training para grupos especiais*. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1999.
- 15 DANTAS, Estélio H. M. RML e autonomia. Efeitos da resistência muscular localizada visando a autonomia funcional e a qualidade de vida do idoso. *Fitness & performance journal*. Vol. 1. Nr 3. maio/junho. Rio de Janeiro: Ediouro Gráfica e Editora S.A., 2002.
- 16 FIGUEIREDO, A. M. e RIBAS, J. B. C. *As pessoas deficientes – num país que ainda não aceita diferenças*. Rio de Janeiro: IDAC, (?).
- 17 FREIRE, Roberto. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. 7º ed. São Paulo: Paz e terra, 1998.
- 18 GUEDES, D. P. e GUEDES, J. E. R. P. *Exercício físico na promoção da saúde*. Londrina: Miograf, 1995.
- 19 LAPIERRE, André e AUCOUTURIER, Bernard. *A simbologia do movimento humano – psicomotricidade e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986
- 20 MACHADO, Nilson José. *Cidadania e educação*. São Paulo: Editora Escritura, 1997.
- 21 MAZZOTA, Marcos J. S. *Fundamentos de Educação Especial*. São Paulo: Pioneira, 1992.
- 22 McARDLLE W. D.; KATCH F. I.; KATCH V. L. *Fundamentos de fisiologia do exercício*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2002.
- 23 MELHEM, Alfredo. A educação física nas escolas. *Sprint magazine*. Nr 129. Ano XX. Novembro/dezembro. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 2003.
- 24 MOSQUERA, Carlos. *Educação física para deficientes visuais*. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 2000.
- 25 NEWELL, K. M. Constraints on the development of coordination. *Motor development in children: aspects of coordination and control*: in M. G. Wade & W. T. A. Whiting (eds.), 1986
- 26 PAÍN, Sara . *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- 27 PALAN, Juan. *Paraolimpic performance*. Barcelona: IBSA, 1992.

- 28 RIBAS, João Batista C. *O que são pessoas deficientes*. São Paulo: Nova Cultura, 1985.
- 29 ROBERGS R. A.; ROBERTS S. O. *Princípios fundamentais de fisiologia do exercício, para aptidão, desempenho e saúde*. São Paulo: Editora Phorte, 2002.
- 30 RODRIGUES, Carla . *Ética e cidadania*. São Paulo: Moderna. 1994.
- 31 ROSADAS, S. C. *Atividades físicas adaptativas e jogos esportivos para deficiente. Eu posso. Vocês duvidam?* Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1989.
- 32 RUOTI, Richard G. ; MORRIS, David M. e COLE, Andrew J. *Reabilitação aquática*. Barueri: Manoel, 2000.
- 33 SASSAKI, R. K. *Inclusão. Construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA ed, 1997.
- 34 SCHIRM, Helena. *Apresentação de monografia*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002.
- 35 SCHIRM, Helena. *Apresentação de referências bibliográficas, citações e notas de rodapé*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002.
- 36 SHEDD, Rossell P. (ed). *Bíblia Shedd*. 2ed. Rev. Atual. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- 37 SHERRILL, C. *Adapted physical activity, recreation and sport: cross disciplinary and lifespan*. Boston: WCB/McGraw-Hill, 1998.
- 38 SKINNER, Alison T. e THOMPSON, Ann M. Duffield. *Exercícios na água*. 3º ed. São Paulo: Manole, 1985.
- 39 SOLER, Reinaldo. Jogos cooperativos e auto-estima. *Sprint magazine*. Nr 126. ano XX. maio/junho. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 2003.
- 40 SOUZA, Pedro Américo de. *O esporte na paraplegia e tetraplegia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1994.
- 41 WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. Biblioteca do Pensamento Universal, (?).
- 42 WALLON, Henri. *Psicologia e educação na infância*. Lisboa: Editora Estampa Ltda, 1975.

43 WINNICK, Joseph P. *Educação física e esportes adaptados*. 1º ed. Barueri: Manole, 2004.

44 WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Habitual physical activity and health*. WHO Regional Publications, European Series. Number 06. Copenhagen: WHO, 1978.